



**Noites de Insónia**

11 maio 2022

**Formador:** João Paulo Braga



## Revista do Porto - 1850

Que é o Porto?

Não deparei ainda com esta pergunta filosófica e de rigorosa necessidade no formigueiro de crónicas e revistas, que ressaltam, *luzuriosas de vida e esperanças*, dos tipos para os botequins.

Que é um caixeiro sem uma luva amarela?

Que é uma revista do Porto, sem uma definição do Porto?

Nada. — Um trabalho sem lucro; uma obra caduca — efémera, e morredoura — uma incoerência literária e artística — uma pobreza de génio — uma desarmonia.

Então — que é o Porto?

O Porto é a tábua da lei das quatro operações aritméticas. É uma grande tabuada, levada ao infinito da multiplicação das casas. É o *dous e dous* são *quatro*, convertido no balcão do *probo e honradíssimo* bacalhoeiro em *dous*

e dous são cinco. É o harmónico burguesismo de miríades de caras todas típicas, idênticas e como total de covados aferidos, e carimbados no Município da cidade da *Virgem*. É o carroção de *Manuel José d'Oliveira*. É a companhia do *Alba-Cosido*, com o Sr. Galliani, e a Sr.<sup>a</sup> Gambardella, e os despeitos da Sr.<sup>a</sup> Gambardella. É o teatro de Camões com o seu *Zacarias — o avarento*. É uma Sr.<sup>a</sup> de distinção vinculando a ária do *Átila* à sua laringe, aliás preciosíssima. É o administrador do concelho prendendo, e enviando para o Carmo, dous... o que?... dous senhores que pateavam um cantor. — É o *Braz Tizana do Pobres* (1). — É a *Maria não me mates, que sou tua mãe* (2). É a *Cantiga do passarinho*, e o *Testamento do galo* a gemer pela vigésima vez nos prelos incansáveis. É a cozinha dos herdeiros do *chapelinho* a crepitar de sardinhas fritas, toda ela uma alface, e tudo isso para honestíssimas famílias do *gordo e sério* mercador de figos do Algarve, baçouras, e abanos, que leva ao domingo de tarde a muito copiosa e enfezada prole a espaiar fora da cidade. É a matrona, casada de fresco, que vai ao teatro de mantilha, que a depõe ao baixar do paño, para, em completa harmonia conjugal, devorar o nédio coixão de carneiro, fumegando odorífero açafraão dentre o corpulento bojo de uma caçarola de arroz do forno. É o riso escancarado de uma plateia inocente que palmêia alegre um equívoco imundo das *Luvas Amarelas*. O Porto é tudo isto, e ainda é mais.

Dito isto, e para que ninguém possa alegar ignorância, cumpre saber que aqui — tudo o que não for isto, é alvo de sátira traiçoeira, suja, e mal-amanhada; e, se tem a franqueza de prestar consideração a esta estupidez orgulhosa, é posto à irrisão dos linheiros, e dos pregueiros, e dos outros todos que passaram do soco de Guimarães, e da jaqueta de ganga para o casaco de veludilho, e chinelos de ourelos.

(1) *Brás Tizana* é o pseudónimo de José de Sousa Bandeira. O *Pobres* é o jornal *O Periódico dos Pobres do Porto*. Camilo refere-se ao jornalista e ao jornal, a propósito do padre Casimiro:

«José de Sousa Bandeira, com o pseudónimo de *Brás Tizana*, anunciou no *Periódico dos Pobres* que D. Miguel fizera conde de Vieira o padre.» (V. *Maria da Fonte*, p. 73.)

(2) Opúsculo de Camilo, editado anónimo em 1848. V. a nossa edição das *Novelas de Camilo*, Livros Horizonte, 1979.

São como os corcundas da fábula indiana. Há uma região no mundo onde todos os homens são corcundas, pecos, e desastrados. Naufragara, não sei em que mares, uma jangada de homens europeus, um dos quais, agarrado a uma tábua, foi cuspido pelas ondas na praia dos corcundas. Subitamente cercam-no os indígenas, miram-no desde as unhas até aos cabelos, e desandam numa risada estrepitosa de mofa, e desprezo. O peregrino enfiara com a maneira desairosa por que o recebiam, quando um dentre os indígenas assim fala a seus irmãos: — Ora sus, gente folgazã! Não zombeis do aleijão desta criatura! Já que a providência nos fez tão gentis, são, e escoreitos, em vez de caçoarmos este pobre aleijado, vamos ao templo erguer fervorosas graças.

É foram, por que enfim seria uma desgraça de Deus que eles nascessem aleijados como o europeu belo e elegante de que reza a fábula.

Ora vós, gente rude e incapaz do verniz da civilização, sois como os corcundas da fábula indiana. Entre vós quem quiser o foro de cidadão há-de apresentar documentos autênticos pelos quais se prove, que seu bisavô veio para esta cidade, com uma broa e meio presunto no saco, escaranchado sobre dous costais de *castanholas*, mimoso *cadeau* para o patrão da loja.

*Item* — que seu avô teve uma loja de fazendas brancas, foi irmão da irmandade do Carmo, irmão benemérito da Misericórdia, e vestiu vinte anos balandrau para pegar às varas do andar de Nossa Senhora.

*Item* — que seu pai exercera honrosamente, e sem vergonha do mundo, o seu honestíssimo mister de negociante de quatro portas abertas, afora alguns postigos por onde entravam os contrabandos. Que sua mãe fora uma gorda e boa mulher, que escoara uma existência de oitenta anos, dando passagens nas meias do marido, sergindo fundilhos nas calças do caixeiro, e sorvendo a sua pitada de simonte no fim de cada estação do seu rosário de contas de azebiche.

Provado isto, na praça do comércio, outrossim, que o apresentado em tribunal de grossas materialidades, nunca teve pacto com livros, ou romances, nem sabe francês, nem mesmo sabe escrever o seu nome com ortografia — o génio da estupidez, presidente da assembleia, decide, vota, e abraça o supplicante como um pedaço seu.

O burguês assim constituído, joga o Voltarete e o Boston, e o Wiste. Tem um cavalo, que monta, contra todos os costumes. O cavalo sofre-o; reconhece a sua superioridade — mas vai!... É Eneas e seu pai Anchises. São sentimentos humanitários. Notem porém, que o pai dessa criatura (não individualizo) também jogava e cavalgava. Jogava a bisca de três, o truco, o trinta e um, e o burro. Montava o macho do almocreve, quando, pela festa, ia visitar a família, armado de uma pescada, um bacalhau de oito arratéis, e uma seira de figos de comadre.

Tudo isto é verdade.

É por isto mesmo que o Porto espremido desde o vasto estabelecimento de *Simão Duarte d'Oliveira* até ao tabuleiro de lumes prontos e repertórios do garoto da *Porta de Carros*, não transpira uma revista. Nos bailes está a filha do burguês, tipo degenerado de espadaúda minhota a fingir-se de compleição nervosa, e estremecida. No teatro é a mesma mulher, sempre deslocada, artificial e sonolenta. Na missa dos Congregados é a beata que pretende alinhar-se com um *relicário Angélico*, meditado, decorado, e repetido em casa pela mãe com várias explicações ricas de erudição das *Horas Marianas*.

A mulher do Porto, por consequência, vive só do seu vestido, do seu bracelete, e do seu chapelinho de sol vermelho com grandes franjas amarelas. Grosseiramente requestada com cartas do estilo do *sirva-se vmc. entregar por esta minha ordem* — a mulher daqui ignora rudemente as subtilezas do ideal — as preguiças amorosas, que, diga-se aqui a própria verdade — são e serão sempre a douradura das afeições. Aqui namora-se para casar: casa-se para ter filhos, que *ordinariamente* são as caras dos pais. Benza-os Deus!

Lá, de vez em quando, aparece uma cabeça de fogo a querer sevar-se de chamas no meio deste glacial reservatório das cabeças de pedra. Homens que não estudam o valor específico desta sociedade portuense metem-se a tratá-la com o coração viçoso e anelante: morrem na alma, ou matam-se no corpo. É por isso que na semana passada um homem desespera dos recursos íntimos da coragem, não pode esquecer a mulher que o engana — não pode mesmo perdoar-lhe, e para memória eterna de vingança de homem, rasga a artéria radial, derrama sangue até às

agonias da morte, e vai morrer silencioso como o *chaterton*, quando a mão do acaso, identificada à mão dum médico, lhe estanca o resto do sangue, e o salva dum suicídio de *Séneca* inimigo de semicúpios. A sociedade está assim encaminhada. Honrosas excepções — homens incapazes de magoar um calo por causa dum abandono de mulher, eu vos saúdo, como a tais patuscos se deve!!

Poderá realizar-se a sonhada reforma nos costumes? Poderá. Já não é razoável duvidar do reviramento do mundo, de dentro para fora, desde que o Sr. Guedes mudou de chapéu! Julgamos inalienável aquele tesouro. Amaramo-lo como reliquias dum século melhor que este. Ah! chapéu, chapéu, pirâmide de papelão, símbolo de antiguidade que atravessaste os séculos respeitado pela *penantada* da civilização — em que *ferro-velho* ou adeleira largarás os últimos pêlos?... Paz ao chapéu do Sr. Guedes — capitão! Conserve-se ao menos S. S.<sup>a</sup> como a pirâmide troncada daquele capitel! Amen.

Sabe todo o mundo que foi roubado o tribunal da Relação! As alfaias da sala desembargatória! Dada a notícia, dizia-se que o valor orçava a 7 mil cruzados. Duas horas depois valia 700\$000 réis. — À última hora ninguém comprava o direito por 700 réis.

A matilha administrativa, cujo faro é inquestionável na pista dos ladrões, foi farejar as enxergas dos presos da enxovia. Estupidez e maldade! Maldade, porque suspeitaram um instante daquela pobre gente da enxovia. Estupidez, porque imaginaram que o espírito dos presos atravessara as fisgas de vinte paredes para chegar à sala saqueada. Depois de Costa Cabral e Paganini, é o assalto mais misterioso que se conhece! Deixai os desgraçados, se os encontrardes. Cumpriram a Carta Constitucional. Se os objectos roubados vos são caros, entendei que para os ladrões eram eles também os *caros objectos*.

O Sr. Óscar conseguiu, à custa de muitos trabalhos, um pobre benefício<sup>(3)</sup>. Lançou pérolas no teatro de S. João; mas a quem as lançou ele?... A plateia esteve numa constante deslocação de maxilas. Os que não dormiam calcula-

(3) Benefícios ou récitas — espectáculos que revertiam em favor de um actor ou actriz. — Nota de A. C.

vam quanto algodão para carpins podiam comprar por 480 réis. — Os que dormiam acordavam estremunhados ao estrondoso ferimento de uma oitava, perguntavam ao vizinho se não havia farsa. Os que davam palmas eram necessariamente os entendedores. E os que as não davam nem dormiam nem perguntavam pela farsa — eram dos que se calam convencidos da sua ignorância. Eu, por exemplo. Apesar de eclético, convenho no subido mérito do Sr. Óscar, e estabeleço a minha opinião no artista do rabecão grande, que me jurou pelas cravelhas do seu instrumento, que o beneficiado era o melhor pianista da Europa. Em matéria de arte não morreu ainda o *ipse dixit*.

Veio depois o Sr. Giraldoni com o seu beneficio, que mais pode chamar-se maleficio. Era diminuta a plateia, e muito mais ainda a venda de camarotes. Depois, dous senhores, presos por laços de simpatia, fraternizaram em patearem de estalos o beneficiado, indubitavelmente o melhor artista da companhia, e o mais indigno de desaprovção. A plateia indignou-se contra os perturbadores do sossego público, como se diz em linguagem administrativa. A autoridade, animada pelo sufrágio universal, fez prender os dous senhores, até que ordens superiores os soltassem do quartel do Carmo. — A autoridade não podia fazer tanto: a opinião pública, é às vezes um absurdo, e um administrador do concelho sem crítica pode ser o manequim desse absurdo. Quando muito — obrigá-los a sair, com a módica quantia de 960 réis — produto de dous bilhetes — isso é o que a *vox populi* convertida em *suprema lex* devia alcançar — o mais é despotismo. É lei de imprensa. — É Costa Cabral. — É Carta Constitucional.

## **PALHEIRO.**

**Sessão do dia 30 d'Abril.**

**PRESENTES OS SNR.<sup>s</sup>**

***Thimoteo Vinagreiro, Thadeu Cassoula,  
Anastacio Palhavan, João José, e José João.***

*Desenho linear das Personagens.*

**O** SNR. Thimoteo Vinagreiro representa cincoenta e oito annos, pouco mais ou menos. E' inferior a estatura regular a grossura de trez patacos. Tem a cintura enforcada no peseço, e a barriga dous palmos á frente da linha vertical, tirada da ponta do nariz. As costas da barriga, que, por decencia, chamaremos o hemisferio pos-

terior, representa a tampa convexa d'um afambique. Pendem-lhe do mencionado hemisferio massas cahoticas de tecidos informes, que, no estado primitivo da nudez patriarchal, semilhariam duzias de esponjas penduradas nas costas do snr. Thimoteo Vinagreiro. A coxa roliça e massuda, desce voluptuosa de rofêgos até se tocar com a visinha no joelho, representando, em rigorosa harmonia com a canela curta, uma ampulbeta enorme. O pé, quadrado no calcanhar, e raso na superficie, alonga-se em corcovos prodigiosos até rematar nas barbatanas do ganso mudo. Todo elle um joanete a capricho, um pé do snr. Thimoteo disputa ao seu irmão, em continuado choque, o prumo da tibia cambaia, que algumas vezes fallece e cambaleia. A cara do nosso amigo é solemne de estupidez, e de indecencia artistica. A sobranceira, arripiada de raros selpos alvacentos, desce em frañjas carnosas como dous gomos de laranja sobre um par d'olhos pequenos redondos e esverdeados, como as capsulas da semente da papoula. As orelhas, em forma de campainha, fecham por duas escrecencias globosas, que lhe interceptam a suissa, em forma de lobinhos. O nariz, que rompe de improviso no centro geometrico do circulo facial, é, como a cebola da tulipa, chanfrado nas azas, que se dilatam em facetas, á maneira de vidrilho de lustre antigo. Os beiços, roliços e carnudos, tinctos constantemente d'um verniz açafreado, representam duas malaguetas, atadas pelas extremidades. O angulo facial, sumido nas camadas palpitantes do musculo opulento, emigra na direcção do queixo inferior, e rompe, a custo, as pallas de tecido cellular, que lhe formam, sustidas pelos collarinhos, um mallote de cavallaria.

### O SNR. THADEU CASSOULA.

**E'** alto. Figura sincoenta e trez annos, bem conservados. E' um cylindro. Não se póde dizer se é mais largo na superficie rasa da cabeça, se na extensão d'hombro a hombro, se na largura da cintura, se no plano em que assenta os pés incalculaveis. E' a suprema rasão do arbitrio do creador, e a primeira maravilha d'ossos no pasmo consciencioso do naturalista! Usa oculos d'ouro.

atravez dos quaes o observador lobriga dous olhos negros, e bullicosos como um par de grilos, que se espanejam na boca da sua lorga. O nariz desce-lhe da testa em curvas sinuosas, e despenha-se do cavalete em forma de ameixoia saragoçana. Os dentes, brancos e luzenticos como o casco d'uma sebôla recortada, ao abrirem-se no riso habitual, deixam ver umas verrugas azuladas, que um dentista experiente julgaria gengives de papel pintado. O cabello, raso, e lusido com o verniz da banha, dá-lhe á cabeça a apparencia repugnante d'uma gallinha, que se tira do alguidar d'agua a ferver, para ser depennada.

### O SNR. ANASTACIO PALHAVAN.

**S**ESSENTA annos, ao que parece. Tem a superficie da cabeça em forma de cavaquinho. Partindo da parte posterior, os raios do semicirculo tocam-se no centro dos ossos parietaes, e allastam-se para a parte dianteira, em forma de tigela, posta de esguêha. Os cabellos, que lhe guarnecem os flancos, á maneira de penacho tudesco, são forçados a povoar a convexidade ossea do craneo polyedro, como o previra Euclidès. Q' pendor da face é anfractuoso como o crystal de rocha. A tez bronzeada aqui, e verde acolá, disputa as côres fantasticas d'uma pintura em tijolo. Os vincos fendidos, que lhe vão da maxilla às orelhas, reteza-os o colleirinho enorme, que faz lembrar o para-vento d'um lampião sujo e esfumeado. O beiço superior, golpeado e seco, ataca os dominios naturaes do inferior, e proscree-o da sua propriedade, transformando-o em boca de rãbalo. O nariz espadelado na baze, e recurvo para a ponta em forma de fateixa, parece fallir ao peso d'uns oculos de prata, que se tocam pelos aros no desfiladeiro escalvado da nuca. Os

olhos, atravez das lentes grossas e azuladas, perdem o brilho, escondem o tamanho, e figuram dons mexilhões pequenos, agarrados á concha d'uma tartaruga.

### O SNR. JOÃO JOSE'.

**E'** uma pessoa pequena e refeita. Diz que tem cincoenta e dous annos, e não tem nada na cara que o distinga. A cabeça é piramidal, e no pé esquerdo tem um cotovelo sobre o dedo grande, o qual cotovelo, se a bota não mente, é semelhante a um tortulho ribeirinho. Os pés, em geral, parecem duas leitugas, no estado fossil.

### O SNR. JOSE' JOÃO.

**D**EVE ter trinta e cinco annos, e é intimo do snr. Anastacio Palhayan. Tem ventas de boca de sino, orladas constantemente por tarjas negras de rapé cristallizado. Os olhos, abertos a canivete, tem lá dentro duas pupilas castanhas, que nadam em clara d'ovo. A suíça, apanhando-lhe o queixo inferior, ao longo do beijo respectivo, dá-lhe o aspecto celebre d'um macaco, rapado á navalha, excepto a suíça. Quando falla, move o nariz e as orelhas com admiravel velocidade. E' bello vêr-lhe então o arfar das azas nazaes, que respingam atomos de rapé, e deslocam as crustas depositadas, nas horas do silencio. No mais é inferior á analyse.

Reunidos, pois, ás 9 horas e um quarto, os mencionados acima, no salão da Assembleia portuense, denominado *Palheiro*, o snr. Thimoteo Vinagreiro, pessoa sobre maneira distincta pelos dotes do espirito, acabando de tomar a outava chavena de chá, e o quadragesimo biscouto de Avintes, fallou assim:

« Senhores collegas e amigos meus a quem muito benereo e estimo! Saberão que os prelios deram á luz um folheto, alumiado as *Folhas cahidas apanhadas na lama*, no qual semos postos a rediculo, com as mais tropegas illusões. (\*)

O author desta maroteira é um gazeteiro, que não tem onde caia morto, e astrebe-se a fallar nos senhores indebidos desta assemblea, entre cujos eu tenho a honra de ser socio, e V. S.<sup>as</sup> tamem. A maneira como semos tratados no tal folheto, é a maroteira *maior* de que ha noticia desde que a *assemblea* é *assemblea*. Senti ca por dentro, meus senhores e amigos a quem muito benereo e estimo, como vinha dizendo senti ca por dentro uns arrepios, que lhe não digo nada. A minha bontade era parrar-lhe co'a cabeça n'uma esquina; e se me não lembrasse que tenho familia, eu habia de mostrar-le q'os homes inda se não acabaro ó por ora, graças a Deus. Estive bai não bai a pegar da pena, e mandar p'ros jornaes uma batida ao tal poeta, que lh'habia de ficar p'ra escrementa; e a fallar a herdade nua e crua; meus senhores e amigos a quem muito benereo e estimo, inda lhe escrevi uma carta anonima que o tratante publicou no *Nacional* d'honte, a qual se V. S.<sup>as</sup> a não biram eu lha bou ler...

*Thadeu Cassoula.*

Ja bimos; não é naçairo lel-a; salbo se os outros inestem na cousa.

*Todos*

Ja bimos, ja bimos.

*Thimoteo Vinagreiro.*

Ora pois; é p'ra que bejam que eu ca que sou home p'ras incasioens, e sei bellar os decorios deste estabelecimento com toda aquella d'home de caratele e de galhardia. Eu benho agora aqui preguntar aos meus collegas e amigos que muito benereo e estimo, se se debe de responder a estas dezedelas que aqui bem encontra as nossas honras e pessoas; tem a palabra o Ill.<sup>mo</sup> snr.

(\*) Em vulgar: *torpes allusioens.*  
Nota do tachygrapho.

Commendador Thadeu Cassoula, que não so é pessoa de porvidade, mas de grande cabeça e sabedoria cá p'ro negocio destas cousas de sonetos em que eu pouco sei, batha a verdade.

*Thadeu Cassoula.*

Não ha dubeda. Eu, a fallar a berdade, entendo o meu pouco de sonetos, e bejo que o tal mariola das *folhas cahidas* não save nada disto, nem estudou a gramatega e folosofia dos sonetos. O home é um basofias, que inda hade topar c'õ seu home em sonetos. Eu ja os não fiz ha muito, mas, como o outro que diz, quando toca, toca; e desta vez peguei da pena e fiz um soneto, que se fosse á luz, o tal gazeteiro ficaba arri-mado *per omnum seculus secolorius*.

*Todos*

Bamos a bêlo.

*Thadeu Cassoula.*

Eu não sei se o trouve;... mas creio que sim, p'ra ber o que disiam os meus amigos. La bai.

(Lê.)

#### SONETO.

Oh tu, poeta sem juisio e tento,  
Que te metes c'os carateles provos,  
Es a bergonha dos pobos,  
E attacas os deuses no firmameuto.

Es a ornear peor que um jimento,  
Em burricadas chegas aos dous polos,  
E cuidaes que por serdes nobos  
Os belhos são indiguenos do vosso acompanhamento.

Cala-te, não digas tanta asneira,  
Os belhos tem a espiencia do mundo,  
E bõs soides da suciedade a lazeira.

As arcias do oceanio profundo  
Não são nada em comparação  
Da bossa acerva maroteira!

*Todos.*

Vravo! Vravo! biba o sôr commendador!

*José João.*

Isto é q'ué!... E' mandal-o ja para o *Periõdego dos Povres*. Eu ca pago a despesa, e manda-se destervuir.

*João José.*

Apoiado! E' c'õ elle par diente. E biba o Ill.<sup>mo</sup> snr Commendador Cassoula, que desplicou a assomblea.

*Thadeu Cassoula.*

O'vrigado, senhores! e que diz o snr. Thimotheo Binagreiro?

*Thimoteo Vinagreiro.*

Eu ca estou p'la maioria. Acho que o tal suneto hade dar uma fallada, e que o tal gazeteiro das « *Folhas Cahidas* » hade ficar p'ro que lh'eu prestar. A assomblea ficara desplicada por um home que save da poda em pusia. Eu ca, que não tenho o maor geito para bersejar, escreberei um artigo, em que diga que ó por ora inda se ca regeste ás calunias dos fedelhos ginotas, com a pena na mão.

*José João.*

E' como é. Asanta religião foi desatacada, no tal folheto, é naçairo que os jornaes cristoens lhe dem pr'a baixo naquelle gentio, que diz que não ha bigairo de Christo.

*João José.*

Apoiado!

*Anastacio Palhavan.*

Meus senhores, eu tenho estado a congeminar o negocio, e afigura-se-me que não é bô dar cabaco.

*Thimoteo Vinagreiro.*

Pr'á môr de que?

*Anastacio Palhavan.*

Tenho oubisto diser que o tal poeta bai dar á luz o *Vico de gaz*, onde as nossas bidas vão ser postas em lettra redonda... (Terror no auditorio.)

*Vozes.*

Home, isso é o deacho!

*Anastacio Palhavan.*

E eu achaba que o mais purdente é não dar cabaco, senão o demonio do gazeteiro é capaz de nos pôr no sólheiro das folhas publicas.

*Silencio profundo. A indignação fez d'aquellas caras outras tantas carctas. Um a um escoaram-se subtilmente.*

ERAM 10 HORAS.

*Dous, pelo menos, queixam-se da barriga, e estão no uso de raspa de veado.*

In *O bico de gaz*, de Camilo Castelo Branco.